



FORMAÇÃO DOS DISCENTES DE ENFERMAGEM ACERCA DA AVALIAÇÃO DA DOR

NURSING STUDENTS' TRAINING ON PAIN ASSESSMENT

LA FORMACIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA SOBRE LA EVALUACIÓN DEL DOLOR

Amanda Francielle Santos¹, Rafaela Ribeiro Machado², Caíque Jordan Nunes Ribeiro³, José Marden Mendes Neto⁴, Maria do Carmo de Oliveira Ribeiro⁵, Miriam Geisa Virgens Menezes⁶

RESUMO

Objetivo: avaliar a formação dos discentes do último período do curso de Enfermagem quanto à avaliação da dor. **Método:** trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, transversal, desenvolvido em uma instituição de ensino privada. Compôs-se a amostra por 169 graduandos do décimo período. Utilizou-se um formulário com questões objetivas. Realizou-se a análise descritiva univariada a partir de tabelas. **Resultados:** constata-se que a dor foi ensinada pelos docentes como o quinto sinal vital para 52,1% dos participantes; 76% afirmaram que, no estágio curricular obrigatório, não observaram o registro da dor nos prontuários; 68% não foram estimulados a utilizar as escalas para a avaliação da dor e 62,1% nunca utilizaram as escalas para a avaliação da dor. Entende-se que muitos acadêmicos de Enfermagem, no último semestre da graduação, não se sentem aptos a realizar a avaliação da dor. **Conclusão:** encontram-se falhas no conhecimento dos graduandos de Enfermagem no tocante à avaliação da dor, e é preocupante a formação desses enfermeiros, considerando que a avaliação da dor e o seu controle são princípios básicos para uma assistência de qualidade. **Descritores:** Dor; Avaliação; Enfermagem; Ensino; Medição da dor; Educação Continuada.

ABSTRACT

Objective: to evaluate the training of students from the last semester of the Nursing undergraduate course regarding pain assessment. **Method:** this is a quantitative, descriptive, cross-sectional study, developed in a private educational institution. The sample consisted of 169 students from the last semester, who answered a form with objective questions. The univariate descriptive analysis was performed from tables. **Results:** professors teach pain as the fifth vital sign for 52.1% of the participants; 76% stated not observing pain record on medical charts in the curricular mandatory internship; 68% were not encouraged to use the scales for pain assessment and 62.1% have never used the scales for pain assessment. Many Nursing undergraduate students, in the last semester, do not feel able to carry out pain assessment. **Conclusion:** Nursing graduates' knowledge present gaps in relation to pain assessment, whose training is worrying, considering pain assessment and control as basic principles for quality assistance. **Descriptors:** Pain; Assessment; Nursing; Teaching; Pain Measurement; Continuing Education.

RESUMEN

Objetivo: evaluar la formación de los estudiantes del último período del curso de enfermería en la evaluación del dolor. **Método:** se trata de un estudio cuantitativo, descriptivo, transversal, desarrollado en una institución de enseñanza privada. La muestra estuvo compuesta por 169 estudiantes del 10º período. Se utilizó un formulario con preguntas objetivas. El análisis descriptivo univariado de tablas. **Resultados:** se observó que el dolor era enseñada por los profesores como el quinto signo vital para 52,1% de los participantes; 76% afirmaron que, en la práctica laboral curricular obligatoria, no observaron el registro del dolor en los cuadros; 68% no fueron estimulados a usar las escalas de evaluación del dolor y 62,1% nunca han utilizado las escalas para la evaluación del dolor. Se entiende que muchos universitarios de enfermería, en el último semestre de graduación, no se sienten capaces de llevar a cabo la evaluación del dolor. **Conclusión:** existen lagunas en el conocimiento de los graduados de enfermería en relación con la evaluación del dolor, y es preocupante la formación de estos enfermeros, mientras que la evaluación del dolor y su control son los principios básicos para la calidad de la asistencia. **Descriptores:** Dolor; Evaluación; Enfermería; Enseñanza; Dimensión del Dolor; Educación Continua.

¹Mestranda, Universidade Federal de Sergipe/UFS. São Cristóvão (SE), Brasil. E-mail: francyelly_amanda@hotmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7694-4604>; ²Residente, Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF. Petrolina (PE), Brasil. E-mail: fafacla_ribeiro@hotmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5883-0187>; ^{3,4,6}Mestres (doutorandos), Universidade Federal de Sergipe/UFS. São Cristóvão (SE), Brasil. E-mail: caiquejordan_enf@yahoo.com.br ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9767-3938>; E-mail: marden.mendes21@gmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0039-4164>; E-mail: miriageisaenf@gmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1703-7371>; ⁵Doutora, Universidade Federal de Sergipe/UFS. São Cristóvão (SE), Brasil. E-mail: enfer2@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4719-3893>

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a dor é um fenômeno comum, subjetivo e desagradável em qualquer faixa etária. Manifesta-se de distintas maneiras, o que pode prejudicar a avaliação.¹ Faz-se essencial compreender a sua fisiologia, os métodos de avaliação e a terapêutica para se promover o seu alívio e garantir o bem-estar do paciente.²

Considera-se a dor como o quinto sinal vital, pois ela é tão importante quanto os demais. Relaciona-se a eficácia do seu tratamento a uma avaliação adequada, visto que a mensuração da dor é fundamental para o seu adequado manejo. Avalia-se que as escalas para mensurar esse fenômeno devem ser utilizadas pelo enfermeiro, pois ajudam a obter informações concretas sobre a dor do paciente, representando um método de avaliação seguro, rápido e simples, que pode ser utilizado no manejo da dor.³

Entende-se que, como parte da equipe multiprofissional de saúde, o enfermeiro deve avaliar e registrar os aspectos e a intensidade da dor; no entanto, a dor tem sido subestimada e subtratada devido ao déficit de conhecimento e à precária educação continuada sobre o seu controle, promovendo o desconforto e a intensificação da dor.⁴

Apura-se que a Enfermagem, durante a assistência, não aborda a dor como uma prioridade, resultando em práticas ruins e no sofrimento desnecessário do paciente. Postula-se que esse fenômeno pode ter origem durante a graduação dos profissionais, pois o conteúdo sobre a dor, os seus métodos de avaliação e a sua terapêutica ainda são negligenciados no currículo da graduação em Enfermagem.⁵

Justifica-se este estudo pela alta prevalência e dificuldade da equipe de Enfermagem na avaliação da dor,⁶ necessitando-se, assim, de estudos que investiguem os fatores relacionados.

OBJETIVO

- Avaliar a formação dos discentes do último período do curso de Enfermagem quanto à avaliação da dor.

MÉTODO

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, transversal, realizado em uma instituição de ensino privada de Aracaju (SE), em outubro de 2017. Escolheu-se esta instituição devido à facilidade de acesso aos alunos do último período da graduação.

Aponta-se que participaram da pesquisa os graduandos de Enfermagem do último período do curso. Registra-se que, durante a coleta de dados, os estudantes foram devidamente informados sobre os objetivos do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Elencam-se os seguintes critérios de inclusão: estar cursando o último período da graduação; ser aluno de Enfermagem devidamente matriculado; estar em dia com as obrigações da universidade; ser brasileiro; já ter passado por estágio supervisionado e ter concluído as matérias básicas do curso.

Utilizou-se um formulário com questões objetivas aplicadas pelos entrevistadores, o qual foi dividido em três partes: perfil dos acadêmicos; forma de ensino da dor e aptidão para a avaliação da dor. Realizou-se a análise descritiva univariada, procedendo-se à categorização dos dados extraídos com a obtenção das respectivas frequências e percentuais apresentados na forma de tabelas.

Seguiram-se as recomendações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de ensino Estácio de Sergipe (CAEE: 70838717.0.0000.8079).

RESULTADOS

Compôs-se a amostra por 169 acadêmicos de Enfermagem, do último período do curso, sendo 16 homens e 153 mulheres com idades entre 20 e 50 anos. Obtiveram-se, quando os participantes foram questionados sobre os sinais vitais, as escalas de avaliação da dor e as disciplinas, os seguintes resultados (Tabela 1).

Tabela 1. Dados sobre a preparação acadêmica de discentes de Enfermagem acerca da avaliação da dor. Aracaju (SE), Brasil, 2017.

Questionário	Frequência	Percentual %
Sinais vitais que aprenderam a avaliar durante a graduação		
DOR, FC, FR, PA e T°	88	52,1%
FC, FR, PA e T°	66	39,1%
Não respondeu	15	8,8%
Foi informado sobre a escala para a avaliação da dor em crianças?		
Não	14	8,3%
Sim	149	88,2%
Não respondeu	6	3,5%
Foi informado sobre a escala para a avaliação da dor em adultos?		
Não	9	5,3%
Sim	150	88,8%
Não respondeu	10	5,9%
Disciplinas que apresentaram instrumentos para a avaliação da dor		
Ensino clínico em saúde da criança	100	59,2%
Ensino clínico saúde do adulto e idoso	56	33,1%
Ensino clínico em centro cirúrgico	22	13,0%
Ensino clínico em alta complexidade	17	10,1%
Sistematização do cuidar	59	34,9%
Supervisionado em saúde da criança	60	35,5%
Supervisionado em saúde do adulto e idoso	40	23,7%
Supervisionado em alta complexidade	23	13,6%
Não respondeu	14	7,3%
Número de disciplinas que apresentaram instrumentos para a avaliação da dor		
Uma disciplina	55	32,5%
Duas a três disciplinas	73	43,2%
Mais que três disciplinas	27	16,0%
Não respondeu	14	7,3%
No estágio curricular, foi observada a escala de avaliação da dor no prontuário?		
Não	131	77,5%
Sim	28	16,6%
Não respondeu	10	5,9%
Quais escalas foram observadas na avaliação da dor no prontuário?		
Não especificou	24	85,7%
Escala de faces	2	7,1%
Escala numérica	2	7,1%
Foi estimulado pelos professores a utilizar as escalas de avaliação da dor em crianças ou adultos?		
Não	115	68,0%
Sim	36	21,3%
Não respondeu	18	10,7%
Em qual disciplina foi estimulado a utilizar as escalas de avaliação da dor em crianças ou adultos?		
Ensino clínico em saúde da criança	3	11,1%
Não especificou	33	88,9%

FC (Frequência Cardíaca), FR (Frequência Respiratória), PA (Pressão Arterial) e T° (Temperatura).

Apresentam-se, a seguir, os resultados relativos à utilização de instrumentos para mensurar a dor e à aptidão para realizar a

avaliação da dor de maneira segura em crianças e adultos (Tabela 2).

Tabela 2. Identificação da prática e aptidão em avaliar a dor dos acadêmicos de Enfermagem. Aracaju (SE), Brasil, 2017.

Questionário	Frequência	Percentual %
Você já utilizou alguma escala para a avaliação da dor?		
Sim	51	30,2%
Não	105	62,1%
Sente-se apto para realizar a avaliação da dor de maneira segura em crianças?		
Sim	43	25,4%
Não	116	68,6%
Não respondeu	10	5,9%
Sente-se apto para realizar a avaliação da dor de maneira segura em adultos?		
Sim	100	59,1%
Não	61	36,1%
Não respondeu	8	4,7%

DISCUSSÃO

Reforça-se que a dor constitui o quinto sinal vital, tornando-se importante o seu significado e a avaliação no decorrer da assistência à saúde do paciente, e, uma vez presente, a dor deverá ser tratada. Entende-se que, neste estudo, mais de metade dos estudantes compreende que a dor é um dos cinco sinais vitais, no entanto, uma grande parcela não aprendeu a avaliar a dor como o quinto sinal vital. Identificou-se, que muitos profissionais de Enfermagem conhecem a dor como o quinto sinal vital, sendo que 25,5% deles relataram o conhecimento sobre a dor durante a graduação.⁷

Considera-se que o não conhecimento da dor como sinal vital prejudica a sua avaliação por não se ressaltar a devida importância desse sinal no quadro clínico do paciente. Defende-se que os alunos devem se sensibilizar no sentido de buscar conhecimento sobre a dor além do que é transmitido na graduação. Acredita-se que as instituições de ensino superior devem ofertar e estimular os professores a abordar o tema dor de forma ampla, na teoria, estendendo-se até à prática. Torna-se indispensável, para a avaliação da dor, a utilização de instrumentos já validados que assegurem uma correta mensuração. Aponta-se que a utilização de escalas que avaliam os aspectos da dor beneficia a assistência de Enfermagem, pois torna o atendimento específico à necessidade de cada paciente.⁸ Verifica-se que esses instrumentos constituem uma estratégia essencial que favorece o planejamento assistencial e a tomada de decisões dos profissionais no desenvolvimento de uma assistência holística.⁹

Salienta-se que, embora a maioria dos acadêmicos afirme ter sido apresentada às escalas para a avaliação da dor em crianças e adultos na graduação, é preocupante a existência de estudantes que relataram não ter sido expostos a esses instrumentos. Observou-se, em um estudo com 50 alunos de Medicina, do quinto e sexto períodos, que muitos conhecem alguma escala para a avaliação da dor, no entanto, grande parte desses estudantes relatou não receber informações suficientes sobre o seu manejo.¹⁰

Constata-se que uma parte dos acadêmicos de Enfermagem sabe que há escalas que avaliam a dor nas crianças e adultos, fato considerado positivo, pois o conhecimento da existência dessas escalas pode fazer com que os alunos se interessem em procurar esses instrumentos, adquirindo conhecimento e avaliando a dor no decorrer dos seus exercícios profissionais. Afirma-se que a avaliação da dor deve fazer parte das atividades da Enfermagem a fim de se proporcionar um cuidado humanizado e adequado. Ressalta-se, no entanto, que pesquisas ainda mostram que muitos médicos e enfermeiros não conhecem as escalas para avaliar a dor.¹¹ Evidencia-se, assim, que o conhecimento não deve ser só adquirido durante a graduação, visto que a educação continuada deve fazer parte das práticas profissionais.

Compreende-se que poucas disciplinas do curso de Enfermagem ministram o conteúdo sobre a dor e, quando o abordam, é de maneira bastante superficial e, dessa maneira, há a necessidade de esses futuros profissionais buscarem novas estratégias, como cursos, especialização e pós-graduação na área, para minimizar as lacunas do seu aprendizado sobre o fenômeno doloroso.¹²

Percebeu-se, ao serem questionados sobre as disciplinas que proporcionam o conhecimento acerca de instrumentos para a avaliação da dor, que 59,2% dos acadêmicos informaram que foi a disciplina ensino clínico em saúde da criança, seguida da disciplina ensino clínico saúde do adulto e idoso (33,1%), entre outras. Pontua-se que, em uma pesquisa realizada com a equipe multiprofissional de saúde, a maior parte referiu ter cursado conteúdos sobre a dor nas disciplinas da graduação, como Farmacologia, Anestesiologia e Fisiologia, entre outras.¹³ Constatou-se, em um estudo realizado¹⁴ com docentes de Enfermagem, que os participantes afirmaram que apenas quatro disciplinas tratam sobre a dor. Aborda-se a dor de diferentes maneiras nas instituições de ensino e, mesmo constando na ementa da graduação, ela não constitui uma matéria específica. Observa-se que o tema dor é tratado durante a graduação como um assunto complementar em diversas disciplinas,¹⁵ proporcionando um aprendizado descontínuo.

Registra-se que, durante o estágio obrigatório, 77,5% dos acadêmicos mencionaram que não foi observada a utilização de escalas para a avaliação da dor no prontuário. Verificou-se, em uma pesquisa com enfermeiros que trabalham nos departamentos de emergência, que a maioria dos profissionais não registra as avaliações da dor e não utiliza a escala para avaliá-la.¹⁶ Nota-se que a dor, em muitas ocasiões, é negligenciada pelos profissionais de saúde, fato que pode ser atribuído à falta de conhecimento dos métodos adequados para a sua avaliação, levando o profissional a prestar uma assistência inadequada ao paciente. Entende-se que o fato de a avaliação da dor não ser descrita no prontuário pode dificultar o aprendizado dos estudantes, por não se possibilitar a observação da utilização de escalas na prática assistencial e desestimulá-los a buscar o aprendizado.

Avalia-se que os docentes têm o potencial para impactar a problemática da gestão da dor por meio da facilitação da aquisição do conhecimento e a sua utilização na prática durante as aulas de Enfermagem.¹⁷ Calcula-se que, durante os estágios supervisionados, mais de metade dos alunos não foi estimulada pelos docentes a utilizar as escalas de avaliação da dor.

Observa-se que o professor, na supervisão, proporciona, ao aluno, mais liberdade, acreditando que ele está preparado. Percebe-se, contudo, que o acadêmico tem as suas dificuldades relacionadas à teoria. Considera-se que a ausência de ensino teórico-prático

sobre a dor, o pouco tempo de contato do estudante com o paciente e a quantidade excessiva de alunos por professor são fatores que contribuem para o baixo conhecimento dos acadêmicos quanto ao manejo da dor.¹⁸ Defende-se que o docente deve entender as limitações desse acadêmico e ofertar o conhecimento em todas as circunstâncias.

Sabe-se que a dor gera impacto no estado geral de saúde. Torna-se, por isso, a sua gestão, fundamental, contemplando a sua avaliação, monitorização e tratamento, por meio da utilização de escalas e indicadores de monitorização da dor apropriados que possibilitem mensurar a sua intensidade e avaliar a eficácia das intervenções.¹⁹

Relatou-se, no estudo, que grande parte dos acadêmicos nunca utilizou escalas para avaliar a dor no paciente; de forma semelhante, mais de metade dos alunos de Medicina afirmou nem sempre utilizar as escalas para a avaliação da dor.¹⁰ Demonstra-se, assim, que tanto os enfermeiros, quanto os demais profissionais da área da saúde estão despreparados para o correto manejo da dor ao se formarem.

Estabelece-se que o aluno deve entender o fenômeno doloroso e as suas repercussões na vida do indivíduo e procurar se sensibilizar quanto aos cuidados que devem ser ofertados. Acredita-se que, em se tratando de um campo de saberes e práticas em construção, o tema dor deve ter um maior impacto na formação acadêmica e nas práticas de Enfermagem.²⁰

Percebeu-se que, neste estudo, aproximadamente 68% e 36% dos acadêmicos não se sentem aptos para realizar a avaliação da dor de maneira segura em crianças e adultos, respectivamente. Sugere-se que essa sensação pode estar relacionada ao *deficit* de conhecimento sobre o tema. Verificou-se, de forma semelhante, que, ao se estudar o conhecimento sobre a dor entre os graduandos de Enfermagem, a maioria dos acadêmicos não conseguiu responder corretamente nem a 50% das questões, principalmente, sobre a avaliação da dor.¹⁸ Reforça-se que as escalas para a avaliação da dor dão subsídio à realização de intervenções adequadas, todavia, para que esses instrumentos sejam adequadamente utilizados, deve-se ter o conhecimento para se aplicar e interpretar os achados, pois, além de quantificar a dor, eles norteiam ações com o objetivo de melhorar os desfechos do paciente.

Constata-se que a formação dos acadêmicos apresenta limitações que podem contribuir para o sofrimento desnecessário e a diminuição da qualidade de vida dos clientes acometidos pela dor.²⁰ Observa-se que os

discentes de Enfermagem cursam poucos créditos sobre o tema dor, deixando de lado as competências específicas na avaliação e gerenciamento desse fenômeno.²¹

Sugere-se que o currículo da graduação deve ser estruturado de forma que se favoreça o aprendizado da avaliação da dor para uma assistência de qualidade.²² Ressalta-se que não existem diretrizes brasileiras sobre o ensino da dor na Enfermagem, dificultando a padronização dos currículos e, consequentemente, do ensino. Registra-se que a Fisioterapia, por outro lado, implantou diretrizes para facilitar e guiar, de forma padronizada e universal, a educação acerca da dor na graduação, facilitando, dessa forma, a introdução dessa temática na grade curricular e favorecendo o ensino do conteúdo ainda na graduação.²³

Torna-se imprescindível que a Enfermagem busque a introdução do tema dor nos seus currículos de graduação, de forma isolada e complementar com outras disciplinas, a fim de proporcionar mais conhecimento e preparar melhor os estudantes sobre a avaliação e os métodos para oferecer o alívio da dor, tentando reduzir a lacuna entre a teoria e a prática assistencial.²¹

CONCLUSÃO

Conclui-se que muitos acadêmicos de Enfermagem, embora apresentados, durante a graduação, aos aspectos relativos ao manejo da dor, com a aplicação de escalas em disciplinas curriculares, referem, ainda, que não estão aptos para a avaliação da dor na criança e no adulto.

Considera-se preocupante a formação desses enfermeiros, já que a avaliação da dor e o seu controle são princípios básicos para uma assistência de qualidade, conforme as recomendações da Associação Internacional para o Estudo da Dor e das diretrizes do Sistema Nacional de Saúde.

Faz-se necessário que as instituições de ensino superior se empenhem para formar profissionais competentes, críticos e reflexivos que possam atuar, de forma abrangente, na sua área de formação.

REFERÊNCIAS

1. Cruz CT, Stumm EMF. Instrumentation and implementation of pain evaluation scale in a Neonatal Intensive Care Unit. Case report. Rev Dor. 2015 July/Sept; 16(3):232-4. Doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20150046>
2. Silva PO, Portella VC. Nursing interventions in pain. Rev Dor. 2014 Apr/June; 15(2):145-8. Doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20140027>
3. Leite ACS, Farias LGO, Nogueira AO, Chaves EMC. Acute chest pain intensity in a cardiopulmonary emergency unit. Rev Dor. 2016 July/Sept;17(3):159-63. Doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20160063>
4. Costa KF, Alves VH, Dames LJP, Rodrigues DP, Barbosa MTSR, Souza RRB. Clinical management of pain in the newborn: perception of nurses from the neonatal intensive care unit. J res fund care on line. 2016 Jan/Mar;8(1):3758-69. Doi: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i1.3758-3769>
5. Franklin CM. Pain: a content review of undergraduate pre-registration nurse education in the United Kingdom. Nurse educ today. 2017 Jan;48:84-9. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2016.08.035>
6. Bussotti EA, Guinsburg R, Pedreira MLG. Adaptação cultural para o português do Brasil da escala de avaliação de dor Face, Legs, Activity, Cry, Consolability revised (FLACC). Rev. Rev Latino-Am Enfermagem. 2015 July/Aug;23(4):651-9. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0001.2600>
7. Magalhães PAP, Mota FA, Saleh CMR, Secco DLM, Fusco SRG, Gouvêa AS. Percepção dos profissionais de enfermagem frente à identificação, quantificação e tratamento da dor em pacientes de uma unidade de terapia intensiva de trauma. Rev Dor. 2011 July/Sept; 12(3):221-5. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-00132011000300005>
8. Ruela LO, Siqueira YMA, Gradim CVC. Pain evaluation in patients under chemotherapy: application of McGill pain Questionnaire. Rev Dor. 2017 Apr/June; 18(2):156-60. Doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20170031>
9. Marques VR, Benetti PE, Benetti ERR, Rosanelli CLSP, Colet CF, Stumm EMF. Pain intensity assessment in chronic renal patients on hemodialysis. Rer Dor. 2016 Apr/June; 17(2):96-100. Doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20160023>
10. Pinheiro TRSP. Avaliação do grau de conhecimento sobre cuidados paliativos e dor dos estudantes de medicina do quinto e sexto anos. Mundo Saúde [Internet]. 2010 [cited 2017 Nov 19];34(3):320-6. Available from: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/77/320a326.pdf

11. Ribeiro MCO, Pereira CU, Sallum AMC, Alves JAB, Albuquerque MF, Fujishima PA. Knowledge of doctors and nurses on pain in patients undergoing craniotomy. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2012 Nov/Dec;20(6). Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000600007>
12. Leão ER, Oliveira MA. Relacionamento enfermeiro- paciente: do cuidar do corpo ao cuidar do ser. In: Leão ER, Chaves LD. *Dor 5º sinal Vital: reflexões e intervenções de enfermagem*. 2nd ed. São Paulo: Martinari, 2007.
13. Ribeiro MCO, Costa IN, Ribeiro CJN, Nunes MS, Santos B, DeSantana JM. Knowledge of health professionals about pain and analgesia. *Rev Dor*. 2015 July/Sept;16(3):204-9. Doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20150041>
14. Romanek FARM, Avelar MCQ. Percepção dos docentes acerca do ensino da dor para graduandos em enfermagem. *Rev eletrônica enferm*. 2013 Apr/June;15(2):463-70. Doi: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i2.16732>.
15. Alves RC, Tavares JP, Funes RAC, Gasparetto GAR, Silva KCC, Ueda TK. Evaluation of pain knowledge of Physiotherapy students from a university center. *Rev Dor*. 2013 Oct/Dec;14(4):272-9. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-00132013000400008>
16. Ucuzal M, Doğan R. Emergency nurses' knowledge, attitude and clinical decision making skills about pain. *Int Emerg Nurs*. 2015 Apr;23(2):75-80. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ienj.2014.11.006>
17. Duke G, Haas BK, Yarbrough S, Northam S. Pain management knowledge and attitudes of baccalaureate nursing students and faculty. *Pain manag nurs*. 2013 Mar;14(1):11-9. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.pmn.2010.03.006>
18. Gadallah MAEA, Hassan AM, Shargawy SAEIH. Undergraduate nursing students' knowledge and attitude regarding pain management of children in Upper Egypt. *J Nurs Educ Pract*. 2017;7(6):101-8. Doi: <https://doi.org/10.5430/jnep.v7n6p100>
19. Teixeira JMF, Durão MC. Pain assessment in critically ill patients: an integrative literature review Seguimiento del dolor en pacientes en estado crítico: una revisión integradora de la literatura. *Referência*. 2016 July/Aug/Sept; 4(10):135-42. Doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16026>
20. Barros SRAF, Pereira SSL, Almeida Neto A. Nursing students qualification as to pain perception in two universities. *Rev Dor*. 2011 Apr/June;12(2):131-7. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S1806-00132011000200010>

21. Wijayanti E. Teaching pain management to student nurses: a literature review. *Nurse Med J Nurs*. 2014 June; 4(1):715-32. Doi: <https://doi.org/10.14710/nmjn.v4i1.6708>
22. Rahimi MM, Tavakol M, Dennick R. A quantitative study of Iranian nursing students' knowledge and attitudes towards pain: implication for education. *Int J Nurs Pract*. 2016 May;16(5):478-83. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1440-172X.2010.01872.x>
23. DeSantana JM, Souza JB, Reis FJJ, Gosling AP, Paranhos E, Barboza HFG, et al. Pain curriculum for graduation in Physiotherapy in Brazil. *Rev Dor*. 2017 Jan/Mar;18(1):72-8. Doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20170015>

Submissão: 15/11/2018

Aceito: 22/02/2019

Publicado: 01/05/2019

Correspondência

Rafaela Ribeiro Machado
Rua Teixeira de Freitas, 10
Bairro Salgado Filho
CEP: 49020-490 – Aracaju (SE) Brasil